

ENTREVISTA// Luciana Mazzotti, codiretora

Ruy Guerra e codiretora de *A fúria*, Luciana Mazzotti

Trabalhar com Ruy gera alguma ansiedade ou intimidação?

De forma alguma. O ato da criação é maior.

O que o olhar de uma mulher soma ao processo do filme? Ajudou mais na materialização das três personagens femininas?

Não acredito que o meu olhar sobre o filme possa ser visto somente como o de uma mulher. Tenho uma sede de conhecimento e apliquei tudo o que sei nesse trabalho. Mas, sim, apesar do terror que foi a pandemia, aproveitei o tempo para trabalhar as mulheres do filme.

Fome, depois a ganância (especulação imobiliária) e conluio político... Vimos isso como foco dos filmes anteriores. Agora, depois de ouvirmos que *guerra é guerra* e de vermos personagem tirar a farda para ir para à guerra, pergunto: em que trincheira e diante de que batalha está Mário?

Em sua última oportunidade de ação Mário

quer acabar com as velhas forças opressoras: o capital, representado pelo personagem do Lima Duarte, e a política, representada por Daniel Filho. O desejo de Mário é passar o bastão para duas mulheres ocuparem as mesmas forças, capital e política, Simone Spoladore e Grace Passô, respectivamente.

É uma viagem utópica em um país no qual calam e matam mulheres com a mínima perspectiva de poder, desde o político até aquela dona de casa que decide tomar as rédeas da própria vida.

Como percebe a maturação do seu cinema? Você é frequentadora de cinema? Quem na atualidade gera interesse?

Apreendi muita coisa com o Ruy e também assistindo filmes dos mais variados gêneros e qualidade. Não gosto de fazer cinema completamente naturalista, mas sinto a necessidade de dialogar com o real, almejo uma mistura equilibrada. Assim de bate e pronto não consigo te dizer um filme atual que tenha me

marcado, mas *Dogville*, de Lars von Trier me marcou, justamente por fugir do real em sua linguagem e ter uma narrativa de denúncia.

O Cine Brasília traz a carga de Glauber (ainda mais com a neta na direção do evento). Ele habita teu imaginário?

Para mim, Glauber é quente, com atuações vivazes. Ele é uma grande referência quando falo em meu gosto por fugir do naturalismo. Em *A fúria*, temos uma cena com o personagem Mário que é puro Glauber.

Cinema politizado é uma decisão ou é uma obrigação no Brasil? Qual o apelo de público que sente neste novo filme? Há identificação junto a espectadores populares?

Não me sinto confortável em falar no termo “cinema politizado” porque facilmente cai no mal entendido de ser um cinema partidário. Prefiro falar de “cinema popular”, em que as demandas da população são representadas por meio

da narrativa e linguagem. Dito isso, respondo que sim, há identificação junto à espectadores populares no *A fúria* e, nessa linha de pensamento, não é uma obrigação de ser feito; é uma estratégia para alcançar mais espectadores.

A fúria tem alguns pontos de interesse do público, para começar a estética dos cenários é realmente algo de novo para se ver em uma tela de cinema e nossos personagens são ótimos, modéstia à parte. (risos)

SERVIÇO

57º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO

No Cine Brasília (EQS 106/107), nesta sexta, às 21h, *A fúria* (Longa), com ingressos a R\$ 20 (inteira). Exibição ainda dos curtas *Dois Nilos* (de Samuel Lobo e Rodrigo de Janeiro, RJ) e *E seu corpo é belo* (de Yuri Costa, RJ). A partir das 20h, na Cia Lábios da Lua (Gama), no Complexo Cultural de Planaltina e na Faculdade Estácio (Taguatinga — Pistão Sul), a mesma programação tem entrada franca.

clubz 50% DE DESCONTO*

Disney
MUFASA
O REI LEÃO

PRÉ-VENDA DISPONÍVEL

ESTREIA 19 DE DEZEMBRO NA CINESYSTEM

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

GARANTA JÁ SEU INGRESSO CINESYSTEM
CINEMA ALEM DO FILME